



A problemática das mulheres HIV positivas em situações de vulnerabilidades

The problem of HIV-positive women in vulnerability situations

La problemática de las mujeres con VIH em situaciones de vulnerabilidad

Ana Paula Martins Viana¹, Letícia Cavalcanti Alves¹, Maria Vitoria Pena de Moura¹, Rayssa Andreza Leal da Silva¹, Leonardo Martins da Silva Machado¹, Juliana Barbosa Magalhães Monini¹, Marina Elias Rocha¹, Xisto Sena Passos¹, Priscilla dos Santos Junqueira Nunes¹.

RESUMO

Objetivo: Contextualizar as situações de vulnerabilidade das mulheres HIV positivo. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A coleta de dados foi realizada na BVS, Scielo e Pubmed, utilizando os descritores: HIV, Mulheres Vulneráveis, Profissionais do Sexo, Usuários de Drogas, Moradoras de Rua e Mulheres Transexuais e os booleanos "AND" e "OR". Inicialmente foram encontrados 48.000 mil artigos, após a leitura dos títulos, resumos e leituras na íntegra foram incluídos 23 artigos no estudo. **Resultados:** As principais vulnerabilidades das mulheres HIV positivas estão relacionadas a precariedade socioeconômica, preconceito, estigma, uso de drogas, sexo desprotegido, déficit de acesso as redes de apoio, violência, falta de informações sobre o HIV e outras. Assim, foi identificado a importância de adotar abordagens integradas e abrangentes para lidar com a vulnerabilidade das mulheres HIV positivas. **Considerações finais:** As vulnerabilidades enfrentadas por essas mulheres são multifacetadas e variam de acordo com o contexto e com a comunidade, portanto, o papel de enfermagem é essencial no apoio as mulheres soropositivas.

Palavras-chave: HIV, Mulheres vulneráveis, Usuários de drogas, Profissionais do sexo, Moradoras de rua.

ABSTRACT

Objective: To contextualize situations of vulnerability among HIV-positive women. **Methods:** This is an integrative literature review. Data collection was conducted on BVS, Scielo, and Pubmed using the descriptors: HIV, Vulnerable Women, Sex Workers, Drug Users, Homeless Women, and Transgender Women, along with the boolean operators "AND" and "OR." Initially, 48,000 articles were found; after reviewing titles, abstracts, and full readings, 23 articles were included in the study. **Results:** The main vulnerabilities of HIV-positive women are linked to socioeconomic precarity, prejudice, stigma, drug use, unprotected sex, limited access to support networks, violence, lack of information about HIV, and others. Thus, the importance of adopting integrated and comprehensive approaches to address the vulnerability of HIV-positive women was identified. **Final considerations:** The vulnerabilities faced by these women are multifaceted and vary according to context and community; therefore, the nursing role is crucial in supporting HIV-positive women.

Keywords: HIV, Vulnerable women, Drug users, Sex workers, Homeless people.

RESUMEN

Objetivo: Contextualizar las situaciones de vulnerabilidad de las mujeres con VIH positivo. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora de la literatura. La recopilación de datos se llevó a cabo en BVS, Scielo y Pubmed, utilizando los descriptores: VIH, Mujeres Vulnerables, Profesionales del Sexo, Usuarios de Drogas, Mujeres sin Hogar y Mujeres Transexuales, junto con los operadores booleanos "AND" y "OR". Inicialmente se encontraron 48,000 artículos; después de leer títulos, resúmenes y textos completos, se incluyeron 23 artículos en el estudio. **Resultados:** Las principales vulnerabilidades de las mujeres con VIH positivo están relacionadas con la precariedad socioeconómica, el prejuicio, el estigma, el uso de drogas, el sexo

¹ Universidade Paulista (UNIP), Goiânia - GO.

desprotegido, la falta de acceso a redes de apoyo, la violencia, la falta de información sobre el VIH, entre otras. Así, se identificó la importancia de adoptar enfoques integrados y comprensivos para abordar la vulnerabilidad de las mujeres con VIH positivo. **Consideraciones finales:** Las vulnerabilidades enfrentadas por estas mujeres son multifacéticas y varían según el contexto y la comunidad; por lo tanto, el papel de la enfermería es esencial en el apoyo a las mujeres seropositivas.

Palabras clave: VIH, Mujeres vulnerables, Usuarios de drogas, Profesionales del sexo, Personas sin hogar.

INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) é um grande problema de saúde pública mundial. Segundo os dados da World Health Organization (WHO) de 2023 existem cerca de 40,4 milhões de pessoas infectadas pelo HIV no mundo. Entre os países da América Latina e Caribe, o Brasil é considerado o país com o maior número de casos, aproximadamente, 120 mil pessoas convivendo com HIV até o ano de 2019 (BERNARDELLI M, et al., 2021; WHO, 2023). Na população feminina, a disseminação do vírus do HIV no Brasil é alarmante e um dos mais graves impasse de saúde pública (CABRAL IAC, 2022). De acordo com o estudo de Braga LP (2022) a prevalência estimada na população geral de adultos com idade entre 15-49 anos foi de 0,6% e em mulheres nessa mesma faixa etária, foi de 0,4%.

Quando analisamos as mulheres, um grupo em especial chama a atenção que são as mulheres transgêneras (trans), que segundo a OPAS (Organização Pan Americana de Saúde) e a OMS (Organização Mundial de Saúde) estão incluídas nas populações-chaves, como foi comprovado no estudo de Magno L, et al. (2019), no qual estimou que a prevalência do HIV em mulheres transgêneras é de 19,1%. E, ainda, no estudo de Santana ADS, et al. (2021), constataram que 27,3% das mulheres trans profissionais do sexo em todo mundo convivem com HIV. Assim, os estudos corroboram com a constatação de que as mulheres: transgêneras, profissionais do sexo, seus clientes, moradores de rua e usuárias de drogas denotam maior risco de serem acometidas pelo HIV (OPAS, 2019; TEIXEIRA JV, et al., 2022).

Também pelo fato de apresentarem inúmeros fatores de risco as mulheres trans são mais vulneráveis ao contrair o HIV quando comparadas as outras populações (ONU MULHERES, 2019; MELO KC, et al., 2021; CABRAL IAC, 2022; TEIXEIRA JV, et al., 2022). Portanto, são necessários profissionais qualificados para lidar com esse contexto. E o enfermeiro tem um papel importante envolvendo a saúde pública, realizando prevenção, tratamento, desenvolvendo ações educativas para a promoção da saúde no enfrentamento do HIV e incluindo as populações chaves neste contexto (MELO KC, et al., 2021; PATURALSKI JP, et al., 2021). Com isso, a equipe de enfermagem deve ter o preparo técnico e teórico para lidar com mulheres soropositivas, como ter a capacidade de exprimir atitude acolhedora, cuidado integral e humanizadora (PATURALSKI JP, et al., 2021).

E diante do exposto, este estudo contribuirá para o entendimento das mulheres vulneráveis em relação ao HIV, como os profissionais de saúde contribuem para que elas sejam aceitas, sintam conforto perante a saúde, busquem acesso a saúde independente das suas vulnerabilidades. Portanto, este estudo teve como objetivo contextualizar as situações de vulnerabilidade das mulheres HIV positivo e o papel do profissional de saúde dentro deste contexto.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que corresponde a um mecanismo que autoriza resumos de conhecimentos através de processos sistemáticos e rigorosos. Seguindo as recomendações do Preferred Reporting Items for Systemic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (GALVÃO TF, et al., 2015), e também seguindo as seguintes etapas: identificação do problema, busca ou amostragem na literatura, extração de dados dos estudos, avaliação dos dados, análise crítica dos estudos incluídos, apresentação dos resultados de acordo com a revisão integrativa (PEREIRA GFM, et al., 2018).

Portanto, para a elaboração do estudo foi definido a seguinte pergunta norteadora: Quais fatores estão envolvidos nas mulheres vulneráveis na aquisição do HIV e a repercussão na sua vida?

Seguindo a estratégia CoCoPop (condição, contexto e população), que ajustado ao estudo foi definido que condição são as infecções pelo HIV devido as vulnerabilidades das mulheres trans, o contexto seria as mulheres trans, as suas vulnerabilidades e seus fatores de risco para a infecção pelo HIV e os riscos para seus contatos e a população são as mulheres trans (MUNN Z, et al., 2015).

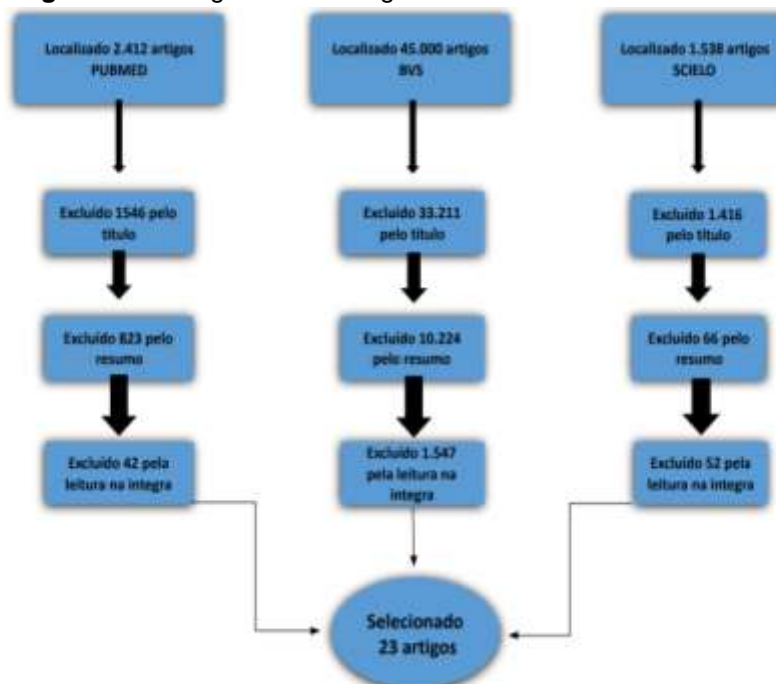
Os critérios de inclusão foram artigos primários, publicados eletronicamente, na íntegra, no período de 2018 a agosto de 2023 na língua inglesa e portuguesa que abordem a temáticas mulheres em situações de vulnerabilidade e o HIV positivo e suas repercussões. Foram excluídos artigos sobre HIV referentes a criança, homens e idosos e que apresentem dados sobre outra doença. E ainda foram excluídas teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos de revisão narrativa, descritiva, bibliográfica, matérias cinzentas, notícias, livros, manuais, trabalhos publicados em anais de eventos, cartas ao editor, editoriais, relatos de experiência, resumos expandidos e estudos que não contribuem com informações satisfatórias com o tema abordado.

A coleta de dados foi realizada no site da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), e nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PubMed. Foram manuseados para a busca de artigos, os Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): HIV, vulnerabilidade, mulheres vulneráveis, usuárias de drogas, profissionais do sexo, mulheres transexuais e moradoras de rua e no Medical Subject Headings (MeSH) os descritores: HIV, vulnerability, women vulnerability, consumer drugs, professional of sex, women transgender e Housed Persons. Todavia, foram incluídos os operadores booleanos “AND” e “OR”.

Para a pesquisa, foi realizada a combinação dos descritores com os booleanos somando um total de 216 com a divisão de 108 booleanos pesquisados em “AND” e 108 pesquisados em “OR”. A coleta de dados foi realizada no período de 2018 a agosto de 2023. Na primeira etapa da coleta de dados foram selecionadas 48.950 publicações, sendo 45.000 na BVS, 2.412 na PUBMED e 1.538 na SCIELO.

Através da leitura dos títulos, 36.173 artigos foram excluídos, resultando em 12.777 publicações, após foi realizada a leitura do resumo e 11.113 foram excluídos. Para a próxima etapa 1.664 publicações foram analisadas e encaminhadas para a leitura na íntegra, sendo que 1.641 foram excluídos e 23 publicações foram incluídas no estudo, conforme descrito na (Figura 1). Fluxograma, abaixo o passo a passo para a seleção dos artigos incluídos neste estudo.

Figura 1 - Fluxograma dos artigos selecionados.



Fonte: Viana APM, et al., 2024.

Na primeira parte da análise fez-se a leitura dos títulos, resumos e leitura na íntegra. Na segunda etapa faz-se fundamental uma análise acertada, dos dados, ponderando a confiabilidade dos estudos para confecção do fluxograma, quadro e do gráfico para categorizar os artigos adequadamente.

Por conseguinte, para melhor aprofundamento da discussão foi realizado a divisão dos dados em categorias, sendo elas: Categoria 1: Listar as principais vulnerabilidades das mulheres com HIV/AIDS e Categoria 2: Esquematizar a conduta dos profissionais de enfermagem diante o diagnóstico e tratamento de mulheres portadoras do HIV. A análise foi descritiva e quantitativa.

RESULTADOS

Foram incluídos no estudo 23 publicações, sendo 19 (82,6%) artigos publicados na língua Inglesa e 4 (17,4%) artigos na língua portuguesa, com os respectivos anos: 3 (13%) artigos de 2023, 6 (26,1%) artigos de 2022, 4 (17,5%) artigos de 2021, 2 (8,7%) artigos de 2020, 3 (13%) artigos de 2019 e 5 (21,7%) artigos de 2018.

De acordo com as revistas de publicação os artigos foram publicados nas seguintes revistas: 4 (17,4%) artigos da revista BMC Infectious Diseases, 3 (13,0%) artigos na Revista Brasileira de Enfermagem, 2 (8,7%) artigos na revista Cadernos de saúde pública e 1 (4,3%) artigo nas seguintes revistas: Epidemiol. Serv. Saúde, Revista Méd Paraná Curitiba, Revista de Enfermagem UFPE On Line, International Journal of Environmental research ad public health, revista PLOS ONE, revista MMWR Morbidity and Mortality Weekly Report, revista HHS Public Access, revista Transgender Health, Revista Brasileira Epidemiologia, Revista eletrônica de enfermagem, Journal of primary care e community health, revista BMJ Open, revista Nurse Education Today e Revista de enfermagem UERJ, totalizando em 14 (60,9%) publicações.

Na categorização dos descritores, foram selecionados 7 (30,4%) artigos com os descritores “Mulheres transexuais OR Usuários de drogas”, 4 (17,4%) artigos com os descritores “HIV OR Mulheres vulneráveis OR Usuários de drogas”, 1 (4,3%) artigo a partir dos seguintes descritores: “HIV AND Mulheres vulneráveis AND usuários de drogas”, “Mulheres transexuais OR Moradoras de rua”, “HIV OR Mulheres vulneráveis OR Usuários de drogas OR Profissionais do sexo OR Moradoras de rua”, “HIV OR Mulheres vulneráveis OR Usuários de drogas OR Profissionais do sexo OR Moradoras de rua OR Mulheres transexuais”, “Profissionais do sexo OR HIV OR Mulheres vulneráveis OR Usuários de drogas OR Moradoras de rua”, “Profissionais do sexo AND HIV”, “Mulheres transexuais AND Profissionais do sexo”, “HIV OR Mulheres vulneráveis OR usuários de drogas”, “Mulheres vulneráveis OR HIV OR Usuários de drogas OR Profissionais do sexo OR Moradoras de rua”, “HIV AND Mulheres vulneráveis”, “Mulheres transexuais AND Usuários de drogas”, “HIV AND Sex workers” e “Moradoras de rua OR HIV OR Mulheres vulneráveis”, totalizando 12 (52,2%) artigos. Para categorizar os artigos incluídos foi criado o **Quadro 1** com os seguintes dados: Autores e principais resultados.

Quadro 1 - Principais resultados encontrados nos artigos.

Autores	Principais resultados
Castoldi L, et al., (2021)	Foi identificado que o uso da PEP como recurso para evitar a infecção pelo HIV é pouco utilizado por estes grupos vulneráveis, pois essa população desconhece sobre a possibilidade da estratégia, sendo assim a falta de informação levadas a essas populações contribui para a vulnerabilidade dos mesmos ao HIV.
Bassichetto KC, et al., (2023)	Suas experiências, marcadas por estigma e discriminação, são frequentemente atravessadas por marcadores sociais como classe e raça, que tornam o pertencimento a uma camada minoritária da população ainda mais desafiador e fazem com que seus desfechos de saúde sejam, geralmente, menos favoráveis.
Julião RC, et al., (2021)	Pessoas em situação de rua no mundo apresentam alta prevalência de infecção pelo vírus do HIV devido a fatores como a multiplicidade de parceiros sexuais, não uso de preservativos, a falta de informações ao HIV como campanhas de prevenção e promoção de saúde sexual.
Magno L, et al., (2021)	A desproporcionalidade deste grupo tem sido explicada por uma diversidade de fatores individuais que incluem: biológico (sexo anal desprotegido) e comportamentais (uso de substâncias psicoativas etc.), juntamente com fatores estruturais como estigma e discriminação podendo influenciar em comportamentos, práticas e atitudes em relação ao HIV.
Silva RG, et al., (2020)	A vulnerabilidade das mulheres trans são associadas principalmente ao preconceito, que infelizmente criam barreiras no processo de prevenção e até mesmo de tratamento do HIV.
Abreu PD, et al., (2018)	As mulheres transexuais vivenciam contexto de vulnerabilidade ao HIV/aids, resultante da exclusão social, marginalização e estigma, criando dificuldades na prevenção e tornando-as cada vez mais propensas a infecção pelo HIV.
Fernandez SB, et al., (2022)	As maiores vulnerabilidades deste grupo estão relacionadas a dificuldade em armazenar medicamentos, questões relacionadas à privacidade e ao estigma, acesso inconsistente a medicamentos e interrupções nos cuidados de saúde e necessidades de saúde física e mental concorrentes e não atendidas, baixa escolaridade.
Pachua LN, et al., (2023)	O risco de HIV para pessoas que se injetam drogas é 22 vezes maior do que para pessoas que não injetam drogas. Esta vulnerabilidade pode ser associada a comportamentos como o compartilhamento de seringas.
Patrício ACFA et al., (2019)	As mulheres profissionais do sexo são consideradas vulneráveis ao HIV devido aos comportamentos de risco, como o uso de drogas lícitas e ilícitas, prática de sexo sem preservativos, difícil acesso aos serviços de saúde, potencializados pela exclusão social.
Ssekamatte T, et al., (2020)	As barreiras do sistema de saúde incluíram exclusão social e falta de reconhecimento por outros grupos populacionais importantes; estigmatização por parte de alguns profissionais de saúde; quebra de sigilo por parte de alguns profissionais de saúde etc.
Shan D, et al., (2018)	O uso de substâncias foi um fator de risco independente da infecção pelo HIV pelo aumento das atividades sexuais e do sexo desprotegido, o que indicou uma situação agravada e complexa com possíveis fatores sindêmicos interagindo que poderiam facilitar cumulativamente os comportamentos sexuais de risco e a infecção pelo HIV em mulheres transgênero.
Lee K, et al., (2022)	Fatores socioeconômicos prejudiciais, incluindo baixa renda, falta de moradia e insegurança alimentar grave nos últimos 12 meses, foram comuns e associados ao menor recebimento de serviços de prevenção e tratamento do HIV.
Leite BO, et al., (2022)	A vulnerabilidade estrutural inclui condições socioeconômicas precárias e difícil acesso a serviços de prevenção e cuidado do HIV e outras ISTs; a vulnerabilidade interpessoal, como a discriminação e a violência impulsionadas pela identidade de gênero nas interações sociais, cria maior vulnerabilidade ao HIV. Finalmente, a vulnerabilidade individual inclui comportamentos e práticas sexuais.

Autores	Principais resultados
Jin H, et al., (2019)	As barreiras sistêmicas comumente enfrentadas por mulheres transgênero potencializam as taxas de transmissão do HIV e levam a um acesso reduzido ao tratamento e prevenção do HIV e a outros cuidados de saúde. Essas barreiras incluem, discriminação, estigma, violência, e os desafios estruturais relacionados à garantia de moradia, emprego, seguro de saúde e reconhecimento legal, bem como altas taxas de sexo anal/vaginal sem preservativo, encarceramento, uso de substâncias, depressão e prática de sexo transacional.
Millar MB, et al., (2018)	Uma desigualdade de saúde proeminente que as mulheres transexuais enfrentam nos Estados Unidos são as taxas elevadas de HIV, com uma taxa de prevalência estimada em 21,6%, provavelmente enraizada na discriminação e na opressão, e envolvendo altas taxas de pobreza, desemprego e falta de apoio social.
Braga LP, et al., (2021)	Além da multiplicidade de parceiras e práticas sexuais desprotegidas, características estruturais que incluem a precariedade das condições socioeconômicas, a baixa escolaridade e a violência são fatores associados a desfechos adversos em saúde e refletem na maior vulnerabilidade das mesmas a infecção pelo HIV nas profissionais do sexo.
Sopheab H, et al., (2018)	Nos últimos 10 anos, o número de pessoas que usam drogas aumentou consideravelmente, especialmente pessoas que usam drogas injetáveis, que tem múltiplos parceiros sexuais ou relações sexuais desprotegidas contribuem para uma maior prevalência de HIV.
Patrício ACFA, et al., (2018)	Destaca-se que as mulheres profissionais do sexo se tornam mais vulneráveis à infecção ao HIV, pois o sexo é parte inerente de sua atividade profissional, trabalhando diretamente com múltiplos parceiros com histórias sexuais desconhecidas.
Bradford D, et al., (2023)	Embora o contato sexual continue sendo o método mais prevalente de transmissão, compartilhamento de seringas é o segundo comportamento de maior risco para aquisição do HIV, e pessoas que injetam drogas respondem por 1 a cada 10 novos diagnósticos de HIV devido ao uso compartilhado de seringas.
Pelletier J, et al., (2022)	Embora a orientação e a persuasão possam ser estratégias promissoras, a expressão de receios relativamente ao HIV pode ter efeitos deletérios nas atitudes dos enfermeiros em relação às PVVIH. Nos serviços de saúde não especializados no HIV, a estigmatização pode manifestar-se através de perguntas inadequadas, utilização desnecessária de medidas de prevenção de infecções, quebras de confidencialidade e impedimento ou mesmo negação do acesso aos cuidados de saúde.
Shi C, et al., (2022)	Este estudo examinou a relação entre comprometimento, empatia e disposição do profissional de enfermagem para cuidar de pessoas vivendo com o HIV. Estes três pilares são essenciais para que haja uma prestação de serviços em saúde de qualidade e acolhedora para este grupo de pacientes.
Lima MCL, et al., (2021)	O conhecimento da prática educativa em saúde surge, como eixo da condução do cuidado as pessoas que vivem com HIV, que contribui para uma melhor assistência a população. A partir do conhecimento dos profissionais e da segurança acerca da temática, se observa fortalecimento de atividades e estratégias no combate ao HIV.
Patrício ACFA, et al., (2021)	Os determinantes que contribuem para o aumento da vulnerabilidade à infecção ao HIV/aids e outras ISTs em pessoas em situação de rua incluem conhecimento frágil, crenças e atitudes erradas sobre o HIV, déficit de acesso as redes de apoio, rejeição e discriminação, alta frequência de uso de drogas e não uso de preservativos.

Fonte: Viana APM, et al., 2024.

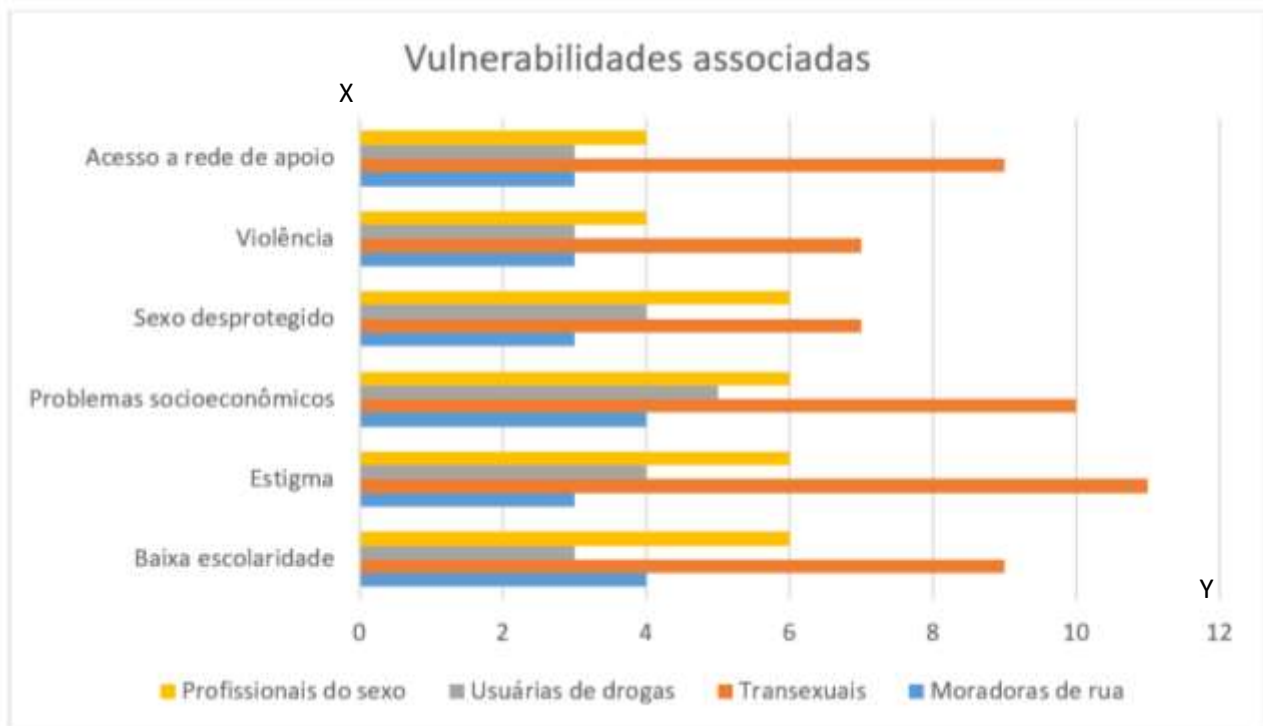
Ainda, de acordo com as categorias, foram listados os principais resultados encontrados. **Na categoria 1:** Principais vulnerabilidades das mulheres com HIV/AIDS”, os principais achados foram: As principais vulnerabilidades estão relacionadas a precariedade socioeconômica; preconceito; estigma; uso de drogas; sexo desprotegido; déficit de acesso as redes de apoio; violência, falta de informações sobre o HIV e outros.

Na categoria 2: Esquematizar a conduta dos profissionais de enfermagem diante o diagnóstico e tratamento de mulheres portadoras do HIV, os principais achados foram: A forma de atuação dos profissionais de enfermagem possui um grande impacto na prevenção e tratamento de pessoas vivendo com HIV, ainda há grandes mudanças a serem realizadas tanto nas atitudes, como atendimentos com mais acolhimento e empatia, como em campanhas de promoção e prevenção ao HIV principalmente na atenção primária em saúde.

DISCUSSÃO

Categoria 1: Principais vulnerabilidades das mulheres com HIV/AIDS. Para exemplificar as principais vulnerabilidades encontradas nas publicações relacionamos elas com as populações chaves encontradas, descritas no **(Gráfico 1)**.

Gráfico 1 - Relação vulnerabilidade X Grupo de risco encontrada nos artigos, sendo Eixo X Vulnerabilidades associadas e Eixo Y Quantidade de artigos citados.



Fonte: Viana APM, et al., 2024.

Nos estudos de Castoldi L, et al. (2021); Bassichetto KC, et al. (2023); Julião RC, et al. (2021); Magno L, et al. (2019); Santana ADS, et al. (2021); Fernandez SB, et al. (2022); Pachuau LN, et al. (2023); Patrício ACFA, et al. (2019); Ssekamatte T, et al. (2020); Ssekamatte T, et al. (2020); Ssekamatte T, et al. (2020); Sopheab H, et al. (2018); Freire AP, et al. (2018); Patrício ACFA, et al. (2022), declararam que a baixa escolaridade é uma vulnerabilidade.

O estudo Castoldi L, et al. (2021), alega que a baixa escolaridade dos usuários de PEP pode ser um indicativo de falta de acesso à informação como à prevenção do HIV, indicando que as pessoas com menos anos de escolaridade se encontram em situação de vulnerabilidade, já que a saúde sexual é um dos assuntos

incluídos nas grades de ensino. Diante disso, as populações vulneráveis se tornam excluídas, para a melhoria de acesso a esse método profilático, e é necessário expandir o alcance da PEP sexual pela rede de serviço (CASTOLDI L, et al., 2021).

Já o estudo Bassichetto KC, et al. (2023), afirma que a escolaridade deve ser analisada à luz de outros determinantes estruturais, principalmente no caso de TrMT (Travestis e Mulheres Trans), baixo acesso e permanência aos programas de saúde são atravessados por decorrência de percursos biográficos, do suporte familiar e de vivências de transfobia, além da necessidade de trabalho precoce. A escolaridade é um preditivo independente de retenção, seja por um melhor entendimento dos procedimentos, maior organização para o retorno a instituição de saúde ou uma posição social que permite o dispêndio de tempo e o deslocamento que a retenção aos programas de combate e tratamento do HIV exige.

Ao mesmo tempo, a baixa escolaridade configura entre os fatores que explicam maior retenção com populações de TrMT (Travestis e Mulheres Trans) e HSH (homem que faz sexo com homem), bem como a compreensão de maior segurança e abertura proporcionada pelo ambiente de pesquisa para falar sobre a própria sexualidade. Isto pode ser explicado por uma variação de fatores, como estigma ligado a identidade de gênero, a intensa desigualdade social e a carência de políticas públicas inclusivas no setor da educação e saúde. Essa condição desfavorável propicia altos índices de evasão escolar e interfere no acesso, na ingressão e na retenção aos serviços de saúde em geral (BASSICHETTO KC, et al., 2023).

Os estudos Julião RC, et al. (2021); Fernandez SB, et al. (2022); Patrício ACFA, et al. (2022), referiu que a vulnerabilidade ocorre por dificuldade de locomoção e problemas socioeconômicos. Os estudos Castoldi L, et al. (2021); Bassichetto KC, et al. (2023); Magno L, et al. (2019); Silva RG, et al. (2020); Silva RG, et al. (2020); Fernandez S, et al. (2022); Pachuau LN, et al. (2023); Ssekamatte T, et al. (2020); Shan D, et al. (2018); Lee K, et al. (2022); Sopheab H, et al. (2018); Jin H, et al. (2016); Braga LP, et al. (2021); Freire AP, et al. (2018); Bradford D, et al. (2023); Patrício ACFA, et al. (2022), evidenciaram que vivências marcadas por estigma e discriminação, são diariamente atravessadas por marcadores sociais como classe, raça, orientação sexual e violência que os tornam uma camada minoritária da população ainda mais desafiadora e fazem com que seus fins de saúde sejam, normalmente, menos favoráveis.

O estigma e a discriminação também constroem obstáculos no acesso aos serviços de saúde e prevenção de HIV/aids, fazendo com que muitas mulheres vulneráveis evitem os serviços públicos de saúde por conta de experiências anteriores de discriminação e de maus-tratos. Nessa perspectiva, relata-se as dificuldades das mulheres vulneráveis no acesso a serviços de testagem e aconselhamento de HIV, déficit de acesso às informações de prevenção, falta de sigilo dos resultados dos testes de HIV em serviços públicos de saúde e pouco acesso ao preservativo.

A prática de sexo desprotegido é evidenciado como uma vulnerabilidade pelos estudos Castoldi L, et al. (2021); Lee K, et al. (2022); Julião RC, et al. (2021); Magno L, et al. (2019); Silva RG, et al. (2020); Abreu PD de, et al. (2018); Fernandez S, et al. (2022); Pachuau LN, et al. (2023); Patrício ACFA, et al. (2019); Ssekamatte T, et al. (2020); Shan D, et al. (2018); Lee K, et al. (2022); Sopheab H, et al. (2018); Jin H, et al. (2016); Millar BM, et al. (2018); Braga LP, et al. (2021); Sopheab H, et al. 2018; Freire AP, et al. (2018); Bradford D, et al. (2023); Patrício ACFA, et al. (2022).

Um dos pontos de vista desta vulnerabilidade é a influência pelo desejo de seus parceiros sexuais e pela falta de poder de negociação para o uso do preservativo. Outros fatores podem contribuir para a não adoção da prática sexual protegida, ligados a prática sexual remunerada, ao envolvimento emocional, a confiança no parceiro e ao efeito causado pelo uso de álcool ou drogas. Muitas vezes a maior "vulnerabilidade" ao HIV/aids decorre devido às necessidades financeiras. As profissionais do sexo recebem propostas que, para elas, são inegáveis. Clientes oferecem mais dinheiro para que os "programas" sejam realizados sem o uso de preservativos e estas, muitas vezes, aceitam praticar sexo oral desprotegido (PATRÍCIO ACFA, et al., 2019).

Categoria 2: Esquematizar a conduta dos profissionais de enfermagem diante o diagnóstico e tratamento de mulheres portadoras do HIV. Para elucidar as principais condutas dos profissionais de enfermagem diante o cenário atual da epidemia do HIV foi elaborado o **(Quadro 2)** abaixo.

Quadro 2 - Principais condutas dos profissionais de enfermagem diante o diagnóstico e tratamento de mulheres portadoras do HIV

	Menções de condutas dos enfermeiros que influenciam positivamente nas taxas de HIV	Autores/Referências
1	Tratamento pelo nome social	Bassicheto KC, et al. (2023); Silva RG, et al. (2020); Ssekamatte T, et al. (2020); Lee K, et al. (2022); Leite BO, et al. (2022).
2	Implementação de políticas de promoção e prevenção na atenção primeira de saúde.	Lima MCL, et al. (2021); Bradford D, et al. (2023).
3	Atitudes de empatia, argumentos persuasivos e comprometimento profissional.	Pelletier J, et al. (2022); Shi C, et al. (2022); Bradford D, et al. (2023).
4	Seguir a ética profissional, o que diminui o estigma.	Pelletier J, et al., (2022); Shi C, et al. (2022); Bradford D, et al. (2023).

Fonte: Viana APM, et al., 2014.

Os profissionais de saúde estão na linha da frente da batalha contra o HIV e são obrigados a responder à grande procura de serviços de prevenção, tratamento e cuidados do HIV. Sendo o maior grupo de prestadores de cuidados de saúde, os enfermeiros têm um efeito significativo no comando dos cuidados de saúde ligados com o HIV (SHI C, et al., 2022). A Atenção Primária à Saúde (APS) como responsável pela elaboração de atividades preventivas e assistenciais na Rede de Atenção à Saúde (RAS), tendo com destaque a promoção da saúde, prevenção de doenças e agravos, vigilância em saúde e ações educativas individuais e coletivas. As Equipes de Estratégia de Saúde da Família (ESF) devem agir prioritariamente no reconhecimento de situações de risco, necessidades de saúde e vulnerabilidade dos usuários, respeitando a autonomia dos pacientes e compreendendo os determinantes de saúde. Assim, a APS se integra um espaço privilegiado para o desenvolvimento das práticas educativas e preventivas em saúde (LIMA MCL, et al., 2021).

Como um dos valores fundamentais da enfermagem, a empatia é essencial no cuidado centrado nas pessoas HIV positivas. As interações empáticas poderiam melhorar a satisfação dos pacientes e dos médicos, melhorar a sua adesão e otimizar os resultados do tratamento dos pacientes em vários ambientes clínicos, evidências mostram que a empatia dos profissionais de cuidados de saúde estar positivamente ligados com a prestação de cuidados de qualidade as pessoas HIV positivas. Estudos comprovam que os enfermeiros que possuem empatia e atitudes positivas com as pessoas que convivem com HIV tem maior qualidade de lhes prestar cuidados (SHI C, et al., 2022).

Em resumo, a prestação de cuidados por enfermeiros a pessoas com HIV desempenha um papel crucial na melhoria da qualidade de vida desses pacientes, na promoção da aderência ao tratamento, na prevenção de complicações e na redução do estigma associado ao HIV.

A dedicação e competência dos enfermeiros são fundamentais para garantir que as pessoas vivendo com HIV recebam o suporte necessário para uma vida saudável e digna. O comprometimento profissional de enfermagem tem sido indicado como um importante preditor da organização dos enfermeiros em prestar cuidados às pessoas infectadas e é impulsionado pela experiência de estágio, ambiente de trabalho e violência física (SHI C, et al., 2022). Portanto, são indispensáveis para a Saúde Pública, na dimensão que aponta a pouca compreensão que ainda temos sobre o que significa viver com HIV, quais as consequências desta situação para a rede familiar e social mais vasta.

Todavia obtenção e análise são cruciais para a Saúde Pública, uma vez que relatam a necessidade de uma compreensão mais profunda das realidades de quem vive com o HIV e das implicações que essa condição tem não apenas na vida individual, mas também nas redes familiares e sociais mais amplas.

Com isso compreendemos que é essencial para desenvolver políticas e estratégias eficazes de prevenção, tratamento e apoio, visando melhorar a qualidade de vida e reduzir o impacto do HIV na sociedade. Além disso, políticas e programas de saúde pública devem ser sensíveis às indispensabilidades específicas das mulheres soropositivas, garantindo que elas tenham acesso a tratamento antirretroviral, cuidados materno-infantis aptos e apoio emocional (UNAIDS, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, abordar as vulnerabilidades das mulheres HIV positivas exige uma visão holística que transcenda as barreiras médicas, considerando aspectos socioeconômicos, culturais e de gênero, que entram como vulnerabilidades nestes grupos. É crucial que o profissional reconheça a diversidade de desafios que essas mulheres enfrentam, adaptando estratégias sensíveis às particularidades de suas comunidades. Neste contexto, a enfermagem emerge como protagonista, desempenhando um papel central no apoio integral às mulheres soropositivas. Desde o suporte emocional até a promoção da saúde sexual e reprodutiva, os enfermeiros são essenciais na educação, prevenção e no combate ao estigma. Ao fomentar ambientes de atendimento inclusivos e direcionar para cuidados multidisciplinares, a enfermagem contribui significativamente para o bem-estar e empoderamento dessas mulheres, enfatizando a importância da colaboração interdisciplinar na resposta eficaz ao HIV/AIDS.

REFERÊNCIAS

1. ABREU PD de, et al. Representações sociais de mulheres transexuais sobre o HIV/Aids social, *Revista Enfermagem UFPE*, 2018; 12(3): 805–7.
2. BASSICHETTO KC, et al. Fatores associados à retenção de travestis e mulheres trans vivendo com HIV em uma intervenção com navegação de pares em São Paulo, Brasil, *Cadernos de Saúde Pública*, 2023; 39(4): 1–15.
3. BERNARDELLI M, et al, Distribuição espacial e espaço temporal de óbitos de mulheres vivendo com HIV em Porto Alegre de 2007 a 2017, *Revista de Saúde Pública*, 2021; 55(84): 1–11.
4. BRADFORD D, et al. HIV and addiction services for people who inject drugs: healthcare provider perceptions on integrated care in the U.S. South. *Journal of Primary Care and Community Health*, 2023; 14: 1–8.
5. BRAGA LP, et al. Saúde sexual, reprodutiva e estado de saúde de mulheres trabalhadoras do sexo em 12 cidades brasileiras, 2016. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2021; 24(21): 1–16.
6. CABRAL IAC. Mulheres soropositivas: Um olhar para sua sexualidade. *Revista de Serviço Social*, 2022; 7(1): 138–60.
7. CASTOLDI L, et al. Profilaxia pós-exposição ao HIV em populações vulneráveis: estudo longitudinal retrospectivo em um ambulatório da rede pública do Rio Grande do Sul, 2015-2018. *Journal Epidemiologia e Servicos de Saude*, 2021; 30(2): 2015–8.
8. FERNANDEZ S, et al. Examining barriers to medication adherence and retention in care among women living with HIV in the face of homelessness and unstable housing. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2022; 19(18): 1–14.
9. FREIRE AP, et al. Análise de conceito da vulnerabilidade ao HIV/aids em mulheres profissionais do sexo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 2018; 20(38): 1–18.
10. GALVÃO TF, et al. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2015; 24(2): 335–42.
11. JIN H, et al. Burden of HIV among young transgender women: factors associated with HIV infection and Hiv treatment engagement. *Physiology & behavior*, 2016; 17(1): 139–48.
12. JULIÃO RC, et al. A população em situação de rua e o HIV: uma revisão integrativa. *Revista Médica do Paraná*, 2021; 79(2): 27–28.
13. LEE K, et al. Factors associated with use of HIV prevention and health care among transgender women Seven Urban Areas, 2019–2020. *MMWR Recommendations and Reports*, 2022; 71(20): 674–9.
14. LIMA MCL, et al. Práticas educativas e preventivas de controle do HIV na atenção primária em saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, 2021; 29(63): 1–6.
15. MAGNO L, et al. Estigma e discriminação relacionados à identidade de gênero e à vulnerabilidade: Revisão sistemática. *Cadernos de Saude Publica*, 2019; 5(4): 1–21.
16. MELO KC, et al. Sentimentos vivenciados por mulheres frente ao diagnóstico de HIV / AIDS em um centro de referência sorológico Feelings experienced by women in front of the diagnosis of HIV / AIDS in a serum of reference. *Research, Society and Development*, 2021; 10(7): 1–12.
17. MILLAR BM, et al. Day level associations between substance use and HIV risk behavior among a diverse sample of transgender women. *Transgender Health*, 2018; 3(1): 210–19.
18. MUUN Z, et al. Methodological guidance for systematic reviews of observational epidemiological studies reporting prevalence and cumulative incidence data. *Internacional Journal of Evidence-Based Healthcare*, 2015; 13(3): 147-53.

19. ONU MULHERES. HIV e AIDS; Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/> Acesso em: 2019.
20. OPAS. Organização Pan Americana da Saúde; Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/hivaids> Acesso em: 2019.
21. PACHUAU LN, et al. HIV and its associated factors among people who inject drugs in Mizoram, Northeast India. *PLoS ONE*, 2023; 18(5): 1–14.
22. PATRÍCIO ACFA, et al. Conhecimento de profissionais do sexo sobre HIV / Aids e influência nas práticas sexuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019; 72(5): 1378–84.
23. PATRÍCIO ACFA, et al. Validação de instrumento: HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis em pessoas em situação de rua. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2022; 75(6): 1–8.
24. PATURALSKI JP, et al. Atuação do enfermeiro e da equipe multiprofissional na assistência aos pacientes portadores de HIV Performance of the nurses and the multiprofessional team in care for patients with HIV. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(11): 1–22.
25. PEREIRA GFM, et al. Epidemiologia do HIV e aids no estado do Rio Grande do Sul, 1980-2015. *Epidemiologia e serviços de saúde revista do Sistema Unico de Saude do Brasil*, 2018; 27(4): 1–11.
26. SANTANA ADS, et al. Vulnerabilidades em saúde das pessoas transgênero profissionais do sexo: Revisão integrativa. *Texto e Contexto Enfermagem*, 2021; 30: 1–17.
27. SHAN D, et al. Correlates of HIV infection among transgender women in two Chinese cities. *Infectious Diseases of Poverty*, *Infectious Diseases of Poverty*, 2018; 7(1): 1-10.
28. SHI C, et al. Professional commitment and willingness to care for people living with HIV among undergraduate nursing students: the mediating role of empathy. *Nurse Education Today*, Elsevier Ltd, 2022; 119(105610): 1-7.
29. SILVA RG, et al. Vulnerabilidade em saúde das jovens transexuais que vivem com HIV/aids. *Revista brasileira de enfermagem*, 2020; 73(5): 1–8.
30. SOPHEAB H, et al. HIV prevalence, related risk behaviors, and correlates of HIV infection among people who use drugs in Cambodia. *BMC Infectious Diseases*, *BMC Infectious Diseases*, 2018; 18(1): 1-10.
31. SSEKAMATTE T, et al. Barriers to access and utilisation of HIV/STIs prevention and care services among trans-women sex workers in the greater Kampala metropolitan area, Uganda. *BMC Infectious Diseases*, *BMC Infectious Diseases*, 2020; 20(1): 1-15.
32. TEIXEIRA JV, et al. A vulnerabilidade feminina: Às infecções sexualmente transmissíveis sífilis e HIV/AIDS no Brasil: Uma revisão integrativa da literatura. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, 2022; 3(9): 1–13.
33. UNAIDS. Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil; Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/> Acesso em: 2019.
34. WHO. World Health Organization; Disponível em: <https://www.who.int/news-room/events/detail/2023/04/07/default-calendar/world-health-day-2023-health-for-all#:~:text=On%207%20April%202023%20%CC%B6,during%20the%20last%20seven%20decades> Acesso em 2023.